

RADIODIFUSÃO PÚBLICA E NOVAS VOZES DO TERRITÓRIO DAS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA

PUBLIC BROADCASTING AND NEW VOICES IN THE TERRITORY OF SMALL CITIES IN THE AMAZON

André Luiz de Toledo¹
Cilene Gomes²

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar o cenário da comunicação pública na Região da Amazônia Legal, seja nos limites da infraestrutura estatal da radiodifusão pública, representada pela Rádio Nacional da Amazônia, seja em novas formas de se fazer a comunicação na região da Comunidade Santa Luzia do Baré, município de Maraã, AM. De um lado, relatos da vulnerabilidade das transmissões em Ondas Curtas, que sofre ameaças com falta de investimentos diante de novas tendências tecnológicas e, de outro lado, dados netnográficos de habitantes da floresta, por meio da produção de conteúdo do canal Ribeirinhas da Amazônia. Discute-se a importância da manutenção dos serviços da comunicação pública de longo alcance diante de tendências tecnológicas como fator de indução a novos hábitos de escuta e interação entre ouvintes e emissora pública e um conseqüentemente impacto e segregação socioespacial com a ruptura da condição humana de direito à informação e a cidadania.

Palavras-chave: radiodifusão; comunicação pública; cidadania; tendências tecnológicas; segregação socioespacial.

Abstract: This study aims to present the state of public communication in the Legal Amazon Region, whether within the constraints of the state infrastructure of public broadcasting, represented by Rádio Nacional da Amazônia, or through new ways of engaging in communication in the Santa Luzia do Baré Community, located in the municipality of Maraã, Amazonas. On one hand, it highlights the vulnerabilities of Shortwave transmissions, which face threats due to a lack of investment in the face of new technological trends. On the other hand, it provides netnographic data from forest inhabitants through the content produced by the Ribeirinhas da Amazônia channel. The discussion revolves around the importance of maintaining long-range public communication services amidst technological trends as a driver of new listening habits and interactions between listeners and the public broadcaster. Additionally, it examines the consequent socio-spatial segregation and impact caused by the disruption of the human right to information and citizenship.

Key words: broadcasting; public communication; citizenship; technological trends; social-spatial segregation.

Data de submissão: 10.09.2024

Data de aprovação: 04.12.2024

¹ Doutorando em Planejamento Urbano e Regional na Universidade do Vale do Paraíba - Univap. E-mail: andreluizdetoledo@gmail.com.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba - Univap. E-mail: cilenegomes2011@gmail.com.

Identificação e disponibilidade:

(<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/4627>,
<http://dx.doi.org/10.18066/revistaunivap.v30i69.4627>).

1 INTRODUÇÃO

O artigo focaliza o tema específico da radiodifusão sonora brasileira e a problemática da desconstrução tecno-social dos serviços de transmissão via ondas de rádio, que traz impactos socioespaciais com o isolamento de ouvintes, incluindo população ribeirinha da região da Amazônia Legal, que depende da comunicação do rádio de antena, operando em Amplitude Modulada.

A primeira parte do trabalho apresenta a vulnerabilidade da radiodifusão pública decorrente da falta de investimentos para manutenção da infraestrutura física e agravada com ocorrência de incêndio no parque de transmissão do Rodeador em 2017, que é responsável por distribuir o sinal da Rádio Nacional da Amazônia para todo território nacional, em Ondas Curtas (OC). São apresentados os esforços da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) para minimizar o impacto da interrupção das transmissões do Parque do Rodeador, em 2017, além da mobilização e manifestação em defesa de vários grupos sociais afetados pela interrupção das transmissões.

Em um segundo momento, a voz das jovens produtoras de conteúdo do canal Ribeirinhas da Amazônia, no YouTube, habitantes da Comunidade Santa Luzia do Baré, município Maraã, situada nas proximidades de Tefé/AM, reforça a importância do rádio para os povos da floresta e novas formas de se fazer a comunicação em pequenas cidades da Amazônia, tendo a internet como suporte para a produção de conteúdo, abordando temas do dia a dia dos habitantes da Região da Amazônia Legal.

Para análise dos limites e perspectivas da comunicação social, na região abordada, são apresentados dados da densidade técnica informacional nos municípios amazonenses de Tefé e Maraã, por meio da distribuição física de Estações de Rádio Base (ERB's) e a cobertura da internet via satélite do sistema Starlink.

Diante dessa realidade em constante e acelerada mudança tecnológica, cabe localizar potencialidades e mapear as vozes da comunicação horizontalizada de modo a tentar construir um futuro com perspectivas cidadãs para pequenas cidades da Amazônia, diante das lacunas da regulação de mídia que, segundo Charleaux (2023), “a Starlink, rede de internet via satélite do bilionário Elon Musk, é o principal provedor de banda larga na Amazônia Legal”, serviço que pode representar uma ameaça à própria comunicação horizontalizada.

2 RADIODIFUSÃO PÚBLICA: DESAFIOS, RESILIÊNCIA E A FALTA DE ORÇAMENTO

O tema da radiodifusão pública apresentada nesse trabalho tem como referência a emissora Rádio Nacional da Amazônia, “criada em 1977, durante o regime militar, com o objetivo de fortalecer a comunicação entre as comunidades da Amazônia, valorizando e divulgando a diversidade cultural da região” conforme informado no sítio eletrônico da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Em setembro de 2023, a emissora comemorou 46 anos de operação, oportunidade onde diversos servidores puderam falar sobre os limites e perspectivas da emissora. Entre os últimos desafios enfrentados pela emissora, pela equipe técnica do Parque de Transmissão do Rodeador, e equipe de programação na última década, acrescenta-se o relato do pesquisador Haeser (2017) que salientou que a emissora

passou por sérias dificuldades após um incêndio no ano de 2017, que afetou as instalações no complexo de transmissão:

Naquela noite de temporal, um raio atingiu em cheio a subestação que alimentava os dois transmissores de ondas curtas que até então operavam cada um com 180 kW, em 49 e 25 metros.
[...] E a rádio se calou (Haeser, 2017).

Diante da natureza geográfica da emissora e do real território em que ela ocupa, é urgente compartilhar o grito de uma categoria de ouvintes que simbolizou a importância e o alcance da comunicação na Região da Amazônia Legal:

Uma das primeiras reações do público ouvinte foi recebida pela EBC na forma de um abaixo-assinado, enviado à direção da emissora por 15 caciques de aldeias da Amazônia. No documento, é manifestado o repúdio dos indígenas à desativação da emissora. Na Amazônia, a população que mora à beira dos rios não tem fácil acesso à internet para, como se faz nas cidades, ouvir rádio em um celular, por exemplo (Haeser, 2017).

Essa mobilização é o exemplo do impacto da segregação socioespacial discutida nesse trabalho. Havendo a interrupção da transmissão radiofônica, há conseqüentemente a ruptura da anunciada condição humana de direito à informação, direito à cidadania e direito à vida.

O coletivo Intervezes reforçou ainda esse cenário de sucateamento da comunicação pública de modo que:

As comunidades isoladas em áreas rurais, ribeirinhas, indígenas e fronteiriças, situadas em locais onde há dificuldades de acessos à internet e a outros canais de comunicação são as que mais se beneficiam dos serviços de utilidade pública veiculados pela emissora, que leva a tais comunidades, além de informação, dicas de como buscar soluções a problemas básicos de saúde, violência doméstica e como tirar documentos (Carta Capital, 2017).

Em 1º de setembro de 2023, data de comemoração dos 46 anos da Rádio Nacional, o Diretor de Operações, Tecnologia e Engenharia da EBC, José de Arimatéia, o Ari, comentou que:

[...] o Parque que foi na sua plenitude um dos maiores Parques do mundo, o maior da América Latina, até pouco tempo, e agora nós ficamos, falta de investimento, ficamos obsoletos em algumas coisas, hoje estamos operando apenas com dois transmissores, na frequência de 25 metros e 49 metros, e com a potência inclusive reduzida.

[...]

Temos que recuperar as antenas.

Temos que recuperar a parte elétrica.

Temos que recuperar, temos que adquirir novos transmissores

E aí nós não estamos falando de 10 milhões, nós estamos falando de 100 milhões. Então é coisa assim, o Parque quando ele foi criado lá nos anos 70 ele custou para a Radiobrás, para o governo na época da implantação, algo em torno de 560 milhões.

Então vejam bem, não é qualquer orçamento que vai ter esse recurso disponível para trabalhar (Empresa Brasil de Comunicação [EBC], 2023).

Em recente entrevista sobre “Comunicação pública e a Empresa Brasil de Comunicação” cedida ao programa Abraço Entrevista, a Diretora-Geral da Empresa

Brasil de Comunicação – EBC, a jornalista Maíra Bittencourt, respondeu à pergunta deste autor para saber se “é possível pensar em um redimensionamento da transmissão de longa distância de forma a fortalecer (digitalmente) as transmissões de modo a tentar equiparar a velocidade tecnológica hegemônica”. Em resposta ao Presidente da Abraço Brasil, comentou que:

Sobre as transmissões de longa distâncias, as transmissões de rádio em ondas curtas, a gente entende que é um serviço não só de comunicação pública, mas é um serviço de defesa nacional, e que merece sim investimento (Abraço Brasil, 2024).

Após reconhecer a importância das transmissões em longas distâncias, a jornalista apontou perspectivas para a reconstrução da comunicação pública:

Nós temos um projeto de revitalização do Parque do Rodeador - que é o Parque onde ficam as antenas de transmissão em ondas curtas – esse projeto ainda está em processo de adaptação, de entendimento daquilo que é necessário e de quais os caminhos a percorrer para que a gente consiga efetivamente colocar isso em prática porque os custos são altíssimos, então hoje, com a estrutura da EBC orçamentária, não há a menor condição do atendimento disso.

A gente percebe que há uma força conjunta que deve ser feita inclusive a partir do entendimento que não é só um meio de comunicação pública, mas sim um espaço aí de defesa da soberania nacional porque a gente sabe que essas transmissões de longas distâncias acabam sendo o que resta na impossibilidade em momentos que a gente não tem internet, em momentos que falta outros tipos de tecnologia.

Então a gente tem essa consciência e esse carinho por esse trabalho que é feito hoje na Rádio Nacional da Amazônia, mas também por esse trabalho potencial que a gente tem em ondas curtas (Abraço Brasil, 2024)

Diante da fala de dois servidores da EBC, é possível se ter um cenário mais realista dos desafios da empresa pública e da resiliência de seus servidores ao tentar atender o público que depende da comunicação no suporte do rádio de antena e pilha.

Mesmo com a resiliência de muitos profissionais envolvidos com o Sistema de Rádios EBC, o que falta é recurso financeiro do poder público para dar condições para manter o patrimônio público em condições adequadas de funcionamento, chegando até a correr o risco de ter suas outorgas cassadas em situações onde o oferecimento dos serviços radiofônicos não acontece.

Diante do cenário de vulnerabilidade dos serviços públicos, conglomerados do setor de radiodifusão e agentes da geopolítica global, que comandam as plataformas *Big Techs*, serviços de *Streaming* e do sistema de internet *Starlink*, assumem o protagonismo dos meios de comunicação local, induzindo novos hábitos de consumo e influenciando a opinião pública diante da falta de regulação da mídia e do setor de telecomunicações. Porém, novas vozes surgem entre os povos da floresta amazônica, em áreas onde a internet via satélite permite que produtoras de conteúdo realizem um trabalho de comunicação independente, levando a cultura dos povos originários para as redes sociais, tema abordado a seguir.

3 RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA E AS NOVAS FORMAS DE SE FAZER COMUNICAÇÃO

O rádio, nosso único meio de comunicação, isolados na Floresta Amazônica.
(As Ribeirinhas da Amazônia, 2022)

Esse é o título da postagem das jovens irmãs Fabíola Pedrosa e Fabiane Pedrosa, produtoras de conteúdo, moradoras de comunidade ribeirinha, Santa Luzia do Baré, Lago Amanã, Floresta Amazônica. O vídeo produzido em 2022 já recebeu mais de 57 mil visualizações. Na ocasião, retrataram o dia a dia de como os moradores da comunidade ouviam os avisos no interior do estado do Amazonas, em área até então desprovida de telefone rural e internet.

Segundo Fabíola:

É só através do rádio, da Rádio FM de Tefé, que chega os avisos aqui pra nós no interior.
Nossas famílias que estão lá na cidade, conseguem mandar recado pra gente que tá aqui.
Então, é dessa forma que a gente consegue saber o que está acontecendo lá. (As Ribeirinhas da Amazônia, 2022)

A roda de mulheres, debaixo de um rancho, escuta atentamente os avisos festivos locais, na transmissão noturna da emissora localizada em Tefé, com ligeira perda de sinal, distante a aproximadamente 100 quilômetros dali. Segundo o locutor:

A festa tem total segurança da polícia militar de Tefé e Maraã, e a venda de bebidas é por conta da comunidade. Fica proibida a venda de bebida alcoólica, se for pego, o mesmo pagará a despesa da festa e será expulso da comunidade.
Venha dançar, namorar e se divertir porque a festa é de paz e harmonia!
Lembrando: o indivíduo que bagunçar será amarrado no tronco do açazeiro.
(As Ribeirinhas da Amazônia, 2022)

Como parte da interpretação da realidade de deslocamento da região dos municípios de Tefé e Maraã, cabe destacar aqui que a plataforma Google Maps fica impossibilitada de fornecer o tempo de deslocamento entre uma localidade e outro diante da ausência de caminhos terrestres, seja para veículos motorizados, seja para deslocamento a pé ou bicicleta. Dessa forma, embarcações fluviais e emissoras de rádio cumprem um papel essencial na comunicação da população ribeirinha.

Recentemente a produtora de conteúdo Fabíola cedeu entrevista ao Programa Nacional Jovem, da Rádio Nacional da Amazônia, onde contou como era a realidade de produzir conteúdo sem acesso à internet:

Nossa grande dificuldade, nosso maior desafio assim no início foi com relação à internet, que a gente não tinha.
[...] Nós tínhamos que se deslocar da Comunidade de Canoa, de rabetá, por 14 horas ou mais, viajar até a cidade mais próxima que é Tefé, e chegando lá a gente tinha um curto prazo, que ficava 3 dias na cidade, e nesses 3 dias a gente tinha que dar um jeito de manar esses pedaços de vídeos pra eles.
(EBC, 2024).

Diante da realidade dos pais, relata que “Desde criança eu sempre via o sofrimento dos meus pais sabe, ao trabalhar com a agricultura. Trabalho muito

pesado, e a gente tinha muita vontade de ajudar eles de alguma forma financeiramente”. EBC (2024).

Com a demissão no período da pandemia, a jovem voltou a morar com seus pais quando surgiu a oportunidade de produzir conteúdo em sua região. A produção de conteúdo é a renda principal das jovens, e por meio dessa monetização, conseguiram terminar de construir um barco, que era um sonho. Com isso, o próprio barco passou a ser fonte de renda para a família. (EBC, 2024).

A jovem ressaltou ainda “como foi trazer a internet para sua comunidade e o porquê desse interesse do público pelos conteúdos” EBC (2024). Segundo Fabíola:

A internet não é mais um desafio nosso.

Quando foi no final de 2023, a gente conseguiu comprar a Starlink, que é aquela internet via satélite, e agora a gente consegue postar os vídeos fresquinhos, lá da Comunidade mesmo.

Sonho realizado. A gente conseguiu se superar, apesar da distância, das dificuldades. (EBC, 2024)

A realidade das Ribeirinhas da Amazônia traz a dimensão da complexidade da comunicação social para os povos da Floresta Amazônica, seja por meio dos deslocamentos entre as comunidades e as cidades mais urbanizadas, ou por meio da comunicação informacional, que com a conexão via satélite, estabelecem novos hábitos e um novo arranjo no mapa das telecomunicações, com a capilarização dos pontos de acesso à internet via satélite e, conseqüentemente, uma nova densidade técnica, informacional e comunicacional.

4 DENSIDADES TÉCNICA, INFORMACIONAL E COMUNICACIONAL

Cabe nesse artigo uma breve apresentação das categorias densidade técnica, informacional e comunicacional discutidas por Santos (2008), entre empresas públicas de comunicação (emissores) e ouvintes (receptores) por meio da radiodifusão e pelas redes sociais.

Primeiramente, é apresentada a densidade técnica da empresa pública, que tem como foco principal a quantidade de tecnologia e complexidade técnica (infraestrutura) representada no Parque do Rodeador, seu centro estratégico de operação:

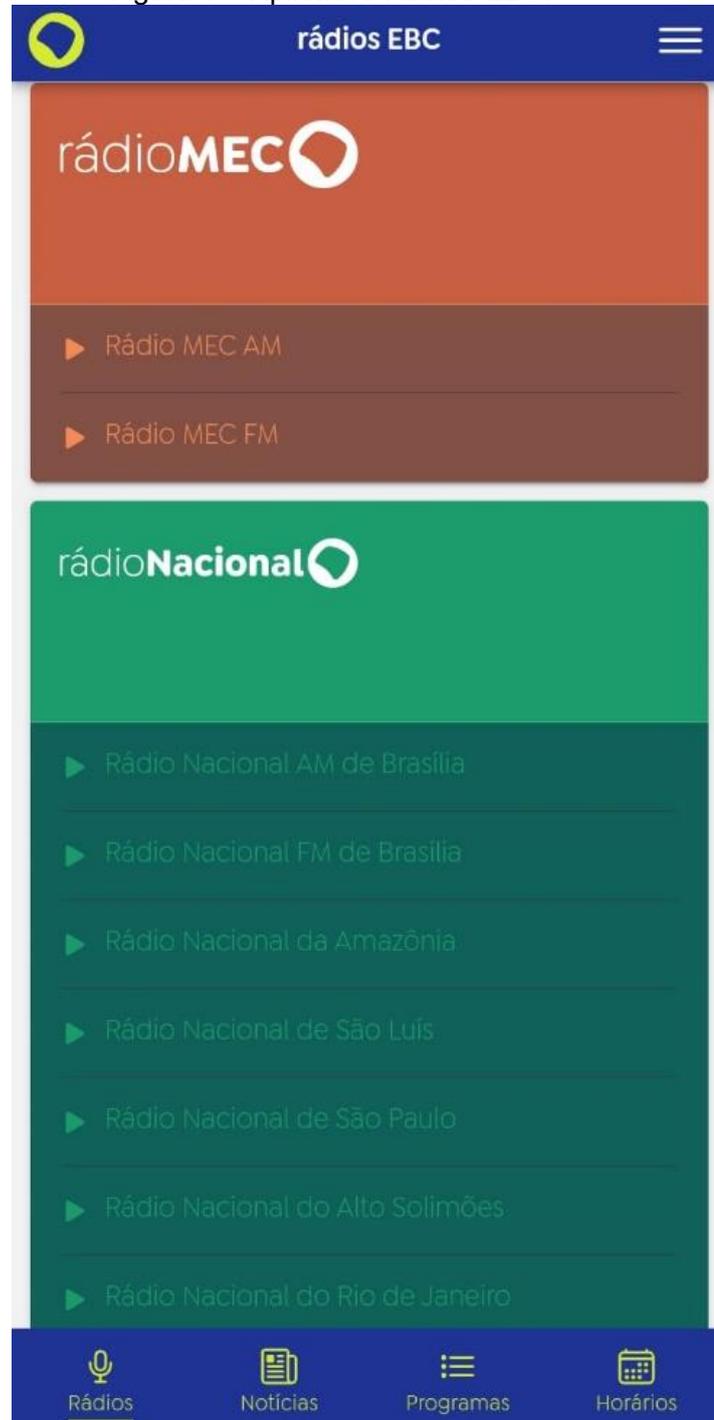
Em 2018, o Parque do Rodeador foi oficialmente classificado como infraestrutura crítica de radiodifusão em situações de desastre, catástrofes naturais e emergenciais, quando a radiodifusão é utilizada como serviço complementar de comunicação. Esse enquadramento foi determinado pelo Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI).

[...] Embora esteja prestes a completar 50 anos, o Rodeador mantém-se na condição de parque transmissor estratégico do ponto de vista da soberania nacional. No caso de pane ou colapso total dos sistemas tradicionais de comunicação, incluindo aí a telefonia, a internet e a comunicação por satélite, restarão apenas as ondas curtas com potencial para fazer chegar mensagens a todo o Brasil e aos continentes europeu, norte-americano, asiático e africano, graças às antenas de cortinas de dipolo. (EBC, 2021)

A densidade informacional é representada pela quantidade de informação em um espaço ou contexto. Nesse âmbito, é representada aqui a estrutura do portal da radiodifusão pública com o sistema de Rádios EBC, composto pelas Rádios MEC FM, Rádio MEC AM, Nacional do Rio de Janeiro, Nacional de São Paulo, Nacional FM Brasília, Nacional AM Brasília, Nacional São Luís, Nacional Alto Solimões e Nacional

da Amazônia aliadas a Radioagência Nacional (veículo público de comunicação que disponibiliza gratuitamente conteúdos radiofônicos), representado também pela interface do aplicativo Rádios EBC (figura 1). Porém, apenas a Rádio Nacional da Amazônia, que utiliza a infraestrutura do Rodeador, é objeto de análise com o impacto decorrente da interrupção das transmissões em 2017.

Figura 1 – Aplicativo Rádios EBC.



Fonte: EBC, 2024.

A densidade comunicacional é compreendida pela quantidade e qualidade da comunicação, fator primordial quando se fala no papel da comunicação social,

alicerçada no compromisso com princípios de cidadania. Para Santos (2007, p. 19) “a cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância”.

Assim como a liberdade que segundo o próprio geógrafo, é uma conquista a se manter, a cidadania deve ser aprendida para que seja efetivamente conquistada e reconquistada em razão de que “a situação dos indivíduos não é imutável, está sujeita a retrocessos e avanços” face ao Estado capitalista (Santos, 2007).

Para isso, Rizzatti (2015, p. 224) reforça que a informação “é considerada uma variável-chave do atual período histórico, denominado por Santos (1999) em “O território e o saber local”, como período técnico-científico-informacional”. Nesse sentido, a informação e a tecnologia constituem fatores indissociáveis de análise dentro da construção do conceito da radiocidadania, que pode ser interpretada como a intersecção dos conceitos de democracia e cidadania, sendo a comunicação, a tecnologia e a radiodifusão elementos fundamentalmente tautacrônicos para sua existência.

A afirmação de Rizzatti (2015, p. 225) ao dizer que “a produção de informações ascendentes é uma possibilidade de resistência às mazelas causadas pela desigualdade sociospacial, inclusive à desigual distribuição das informações no território” é o que dá sentido ao conceito de densidade comunicacional: onde há densidade de troca de saberes e conhecimentos sobre o lugar e para o lugar onde residem, permitindo assim melhor compreensão do mundo, frente à realidade manipulada pelas grandes corporações de mídia (Rizzatti, p. 225).

Esse construto teórico reforça a importância das produtoras de conteúdo que assumem um papel de protagonistas ao levarem informações ascendentes, da cultural local, onde muitas vezes os veículos de comunicação pública não chegam, seja por falta de condições técnicas para alcançar todo o território nacional, ou mesmo porque quem passa a ter acesso a internet, se vê seduzido por outros serviços (redes sociais, ou serviços de streaming) distanciando o cidadão de seus hábitos e tradições culturais.

Rizzatti, ao citar Santos (1996, p. 6), em “A natureza do espaço”, esclarece que “a análise das densidades técnica, informacional e comunicacional pode ser essencial para compreender grandes cidades e metrópoles da periferia do sistema mundo atual”.

Essa tríade conceitual torna-se elemento basilar para que os estudos relativos à comunicação regional, possam ser analiticamente operacionalizáveis – em suas diversas faixas de transmissão Ondas Curtas, Ondas Médias e Frequência Modulada em seus diversos suportes (transmissão de antena, webrádio ou podcast) – dando condições para que a análise da geografia da desconstrução técnico-social possa colaborar para uma nova cartografia da radiodifusão.

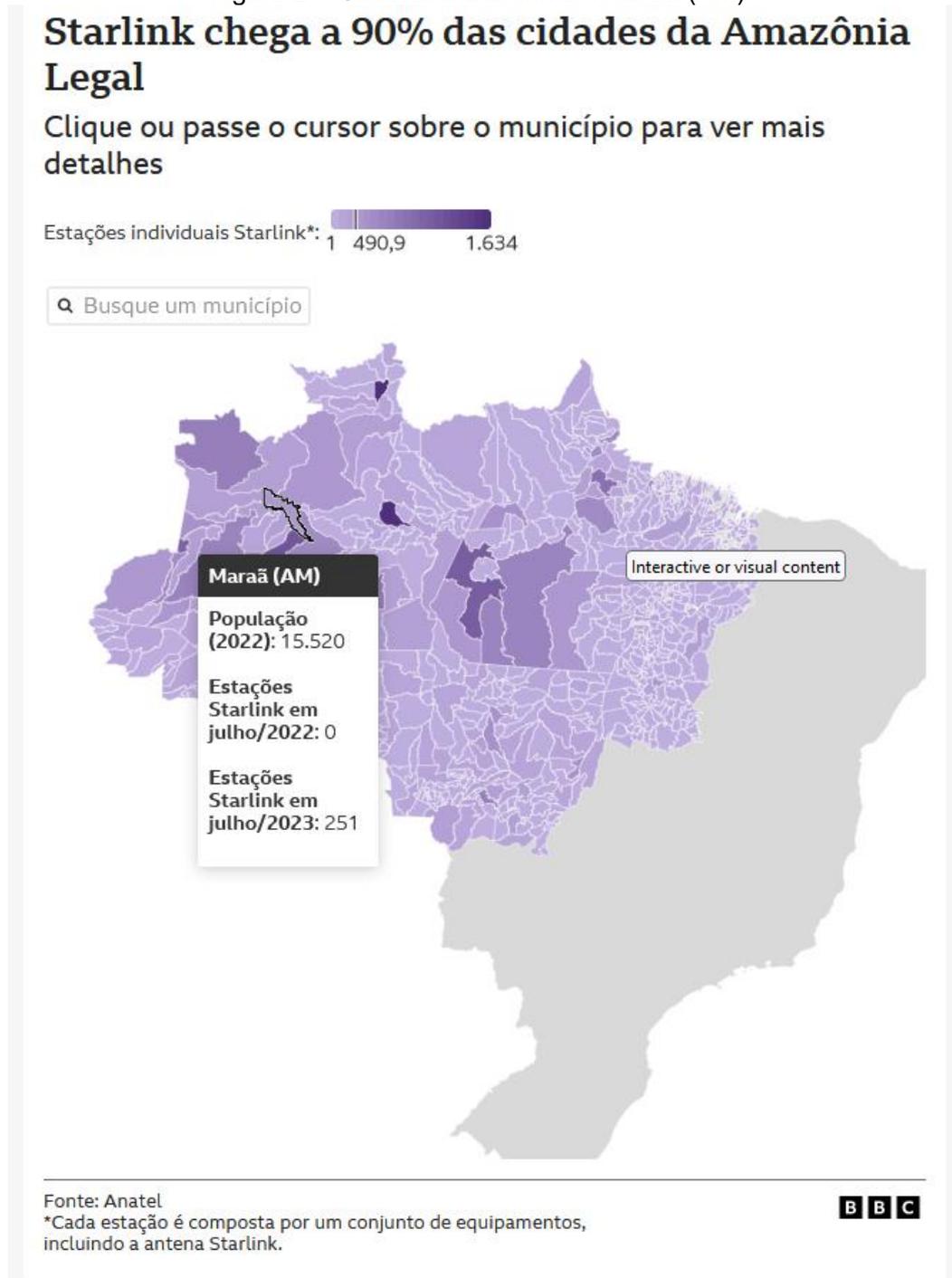
Se por um lado há a ausência ou escassez de recursos técnicos para que a comunicação pública contemple a população da região da Amazônia Legal, é por meio de novos serviços de comunicação, ainda que privados, como o sistema de internet da Starlink (outro elemento que compõe o sistema técnico necessário à radiodifusão), que novas formas de comunicação são estabelecidas.

A figura 2 destaca o crescimento exponencial do oferecimento de estações da Starlink, na localidade de Maraã, onde as produtoras de conteúdo residem. Segundo dados da Anatel, publicados pela BBC News Brasil, entre julho de 2021 e julho de 2022 foram instaladas 251 estações de internet via satélite.

Mesmo diante desse novo arranjo nos mapas das telecomunicações que reflete na densidade técnica, informacional e comunicacional na Região da Amazônia Legal,

cabe destacar que se não houver propostas para a regulação das plataformas digitais, educação midiática, soberania tecnológica e regulação econômica das plataformas, conforme apontaram os coletivos Intervenções, Coalizão Direitos na Rede e Fórum sobre Informação e Democracia, no I Seminário Big Techs, Informação e Democracia na América Latina, realizado em 2023, a sociedade estará vulnerável ao impacto das tendências tecnológicas que podem estar atuando em favor da reprodução da lógica capitalista, que atende o mercado econômico mundial.

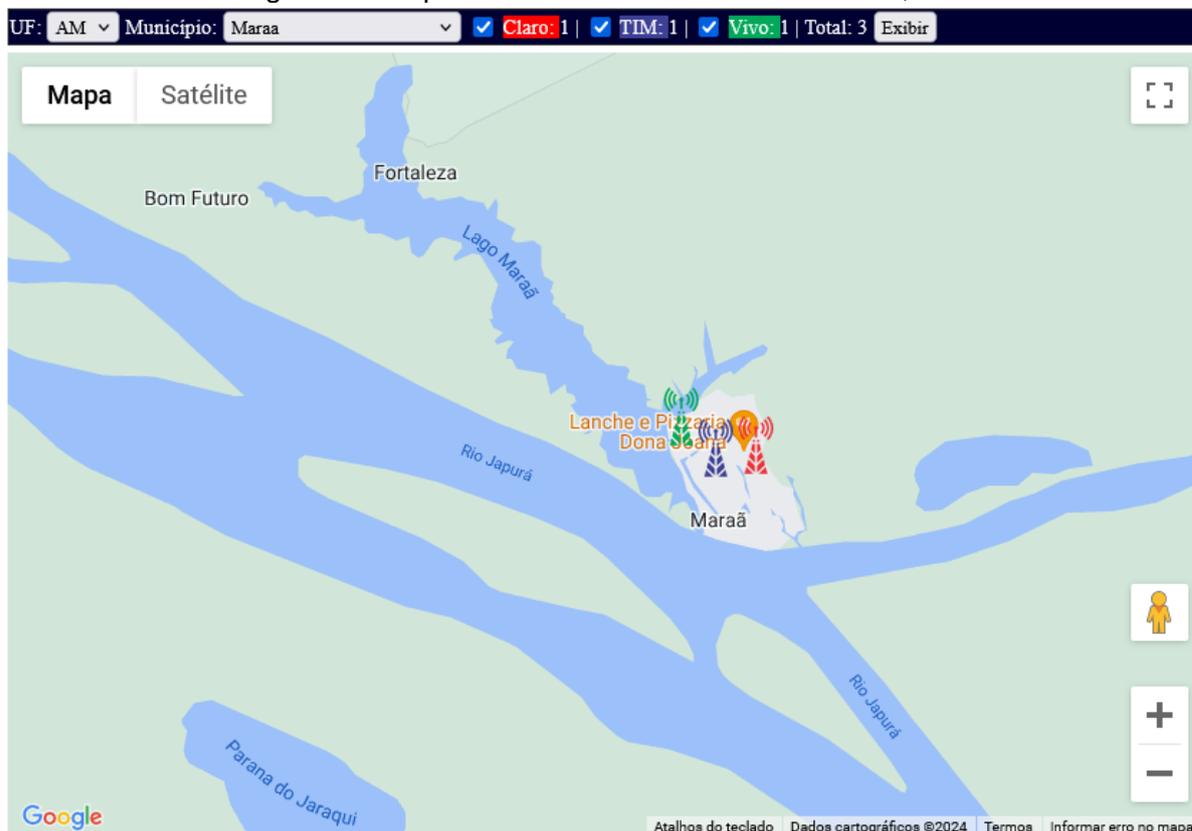
Figura 2 – Cobertura Starlink em Maraã (AM).



Fonte: Senra e Costa (2024).

Cabe também a leitura da densidade de Estações de Rádio Base (ERB's) na localidade de Maraã, que contam com apenas 3 torres de operadoras de telefonia móvel (figura 3). A chegada da internet via satélite, tendo como atores o operador internacional e usuário, alteram drasticamente o mapa da comunicação, trazendo grande apreensão sem a devida regulação dos serviços oferecidos.

Figura 3 – Mapa de cobertura de ERB's em Maraã, AM.



Fonte: Teleco, 2024.

Essa tríplice densidade que envolve a comunicação social e, em particular, o elemento da informação, necessita de políticas públicas que assegurem: a. suporte para manutenção da infraestrutura física; b. organização do fluxo da informação e c. regulação da informação, seja para os serviços públicos ou para grupos do setor de telecomunicações que avançam nos territórios onde os serviços públicos não chegam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou propor um debate dos desafios impostos pelas tendências tecnológicas e o impacto no território dos povos da Região da Amazônia Legal, que escancara a vulnerabilidade da comunicação pública, onde a radiodifusão pública, de longo alcance, fica limitada pela falta de investimento público para manter sua infraestrutura de transmissão, frente a realidade da escuta diária da radiodifusão pública composta ouvintes que vendem os ovos de galinha para comprar pilhas e alimentar o seu rádio de antena em oposição à internet via satélite que avança em escala exponencial, oferecendo conexão e oportunidade para jovens que obtêm renda ao colaborarem com a expansão da densidade informacional, responsável por levar a cultura local para além das fronteiras da floresta.

Cabe o alerta: onde a política pública não chega, levando informação de credibilidade e condições para um ideário de nação, as antenas do sistema Starlink, do empresário Elon Musk, chegam nas mãos também de garimpeiros, que passam a utilizar desse serviço de comunicação como munição para o avanço do desmatamento, para exploração mineral e nocivos desdobramentos relacionados à questão ambiental e social, se não houver propostas para a regulação das plataformas digitais, educação midiática, soberania tecnológica e regulação econômica das plataformas

Fazem-se necessárias políticas públicas que assegurem a comunicação pública, com credibilidade, em uma escala da totalidade da população.

O trabalho reforça o papel desempenhado pelas Ribeirinhas da Amazônia não apenas em trazer a dimensão da complexidade da comunicação social para os povos da Floresta Amazônica como também destacar as potencialidades da comunicação horizontalizada de modo a ampliar perspectivas cidadãs das populações de pequenas cidades da região da Amazônia Legal.

REFERÊNCIAS

Abraço Brasil. (2024). *Comunicação pública e a Empresa Brasil de Comunicação*. <https://www.youtube.com/watch?v=wdhKFEWfoxs>.

Carta Capital. (2017). EBC pode perder concessão da Rádio Nacional da Amazônia, que segue fora do ar. *Carta Capital: Intervozes*. <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/ebc-pode-perder-a-concessao-da-radio-nacional-da-amazonia-que-segue-fora-do-ar/>

Charleaux, L. (2023, novembro). Starlink: 90% das cidades da Amazônia usam internet via satélite de Elon Musk. *Tecnoblog*. <https://tecnoblog.net/noticias/starlink-90-das-cidades-da-amazonia-usam-internet-via-satelite-de-elon-musk/>

Empresa Brasil De Comunicação (2021). *Carta de Serviços*. EBC.

Empresa Brasil De Comunicação. (2023). *Transmissão comemorativa dos 46 anos da Rádio Nacional da Amazônia*.

Empresa Brasil De Comunicação. (2024). *Jovem ribeirinha da Amazônia compartilha seu dia a dia e vira fenômeno na internet*.

Haeser, L. (2017, 3 setembro). Seis milhões de brasileiros há 5 meses sem o seu principal meio de comunicação. *Radiolab: sempre em caráter experimental*, <https://radiolab.blog.br/2017/09/03/seis-milhoes-de-brasileiros-ha-5-meses-sem-o-seu-principal-meio-de-comunicacao/>

As Ribeirinhas da Amazônia (2022, 25 julho). *Os recados da Rádio Rural FM/Tefé/nosso único meio de comunicação isolados na Floresta Amazônica*. [Arquivo de vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=Gkr0usr5pag>

- Rizzatti, H. (2015). A urbanização de Campinas/SP e a produção de informação nas maiores ocupações da cidade. *Revista Rua*, 2(21), 221-245.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço*. Hucitec.
- Santos, M. (1999). O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, 13(2).
- Santos, M. (2007). *O espaço do cidadão* (7. ed.). Edusp.
- Santos, M. (2008). O lugar: encontrando o futuro. *Rua: Revista de Urbanismo e Arquitetura*, (6), 34-39.
- Senra, R., & Costa, C. (2024, 20 outubro). Elon Musk domina internet por satélite na Amazônia com antenas em 90% das cidades. *BBC News Brasil*.
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2edkw84zmo>
- Teleco. (2024). Inteligência em Telecomunicações. *Mapa de ERBs*.
<https://www.telecocare.com.br/mapaerbs/>